

APRESENTAÇÃO

Memória, História e Teatralidades brasileiras

O presente número da Revista Sentidos da Cultura abre espaço para trabalhos que se dedicam aos estudos da memória, da história, da crítica a partir das produções cênicas amazônicas e brasileiras. É editorada pelo Núcleo de Pesquisa CUMA – Culturas e Memórias Amazônicas/UEPA em parceria com o Grupo de Pesquisa Perau – Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia/UFPA.

Os temas debatidos contemplam as linhas de pesquisa do CUMA e do Perau (História e Historiografia das Artes Cênicas na Amazônia), a partir do campo teórico-metodológico da memória, da história, da cultura artística – com foco nas teatralidades brasileiras. Dessa maneira, os artigos que compõem o presente número dedicam-se a reflexões históricas sobre poéticas teatrais na Amazônia e em demais regiões do Brasil.

Os artigos que compõem o volume 06, número 11 desta revista, parte de várias experiências de produção no campo das artes cênicas, tendo como fio condutor a necessidade de reflexão sobre as práticas artísticas/teatro, a partir dos elementos que compõem esse fazer. Os oito textos que compõem esse Balaio Poético I dedicam-se ao fazer teatral brasileiro/amazônico no século XX, e trazem camadas importantes para pensarmos sobre como o campo cultural artístico/teatral se organizou, em suas particularidades, em seus intercâmbios, em diálogos e singularidades.

O primeiro texto, de Bene Martins e Mailson Soares, revela o campo da crítica teatral, a partir de dois textos de um importante intelectual paraense, José Eustáquio de Azevedo. Os autores falam do importante papel que esse exercício intelectual tem para a formação de opinião e da receptividade das plateias das obras apresentadas nos palcos. Além disso, revela as preocupações de determinados grupos intelectuais sobre a necessidade de renovação, partindo da apresentação de obras dramáticas para o público em geral. O texto de Carla Nagel dedica-se à análise da dramaturgia de Márcio Souza, partindo da experiência com a cultura popular e como esse dramaturgo conseguiu, através de suas obras dramáticas, produzir uma obra crítica sobre a sociedade da época, sem esquecer da própria reflexão sobre a engenharia teatral. Ainda

sobre a produção teatral no Amazonas, Howardinne Queiroz Leão apresenta um panorama sobre a trajetória do Grupo de Teatro Universitário do Amazonas – GRUTA, criado em 1973, na antiga Universidade do Amazonas. Ela fala do ambiente político e social onde o grupo se estabeleceu, e como seus integrantes, a maioria, estudantes de filosofia, liderado por Marcos José. A autora destaca que o grupo tinha como base o olhar crítico sobre a sociedade, buscando uma poética de teatro popular, “partindo para uma experiência de agitação e propaganda”.

O texto de Gilberto Martins apresenta e reflete sobre, segundo o autor, de uma das mais importantes experiências teatrais do Maranhão na década de 1970: a encenação do espetáculo Tempo de Espera (1975), de Aldo Leite (1941-2016). Ele fala do grupo que produziu a obra, Grupo Mutirão, e da receptividade do público, por meio de textos críticos, brasileiros e internacionais, tendo como foco as mazelas sociais, e as denúncias políticas às condições pelas quais o interior do Maranhão enfrentava nos anos 70 do século XX.

Denis Bezerra escreve sobre os sentidos culturais da presença de obras estrangeiras nos palcos de Belém e do Brasil, para o movimento de teatro amador das décadas de 1940 e 50, ressaltando como o circuito cultural teatral, engendrado por esse segmento da sociedade, se organizava e, principalmente, os sentidos estéticos e políticos do ato de encenar textos dramáticos de autores estrangeiros. Já Frederico Carvalho dedica-se ao teatro no Amapá, através da criação do Cine Teatro Territorial de Macapá. O autor fala da importância em debater sobre o teatro produzido na Amazônia, dando destaque para capital amapaense, e o circuito em torno desse espaço cultural. Por meio de fontes jornalísticas, apresenta-se quais obras circulavam em Macapá nos anos 1940 e 50 e toda a movimentação política de determinadas lideranças da região.

Thiago Herzog propõe-se a analisar o fazer da história do teatro brasileiro, através de revisões historiográficas a partir de três campos do conhecimento: “a história, a história da crítica teatral brasileira até os anos 1940 e a história do teatro no Brasil, a partir de seus manuais canônicos”. Com isso, o autor busca tensionar esses campos para se pensar possíveis caminhos para a escrita da história teatral brasileira. Por fim, temos o texto de Wesley Fontenele, que traz para o debate as interpretações sobre o Bumba-meu-boi, a partir de análises de folcloristas e antropólogos como Mário de Andrade, Edson Carneiro, Marlyse Meyer, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Tácito Borralho e Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Assim, o autor dedica-se a pensar sobre o que esse gênero teria de teatral, partindo das reflexões desses autores; além de trazer percepções de que o Bumba-meu-boi está “relacionado a diversos gêneros e momentos da história do teatro” e apresenta “aspectos distintos do bumba-meu-boi ao compará-lo com o teatro”.

José Denis de Oliveira Bezerra